

RUDOLF VON SINNER  
ETIANE CALOY BOVKALOVSKI  
GEOVANI VIOLA MORETTO MENDES  
(Orgs.)

# AS HUMANIDADES EM TEMPOS DE PÓS-VERDADE

 PUCPRESS

RUDOLF VON SINER  
ETIANE CALOY BOVKALOVSKI  
GEOVANI VIOLA MORETTO MENDES  
(Orgs.)

# AS HUMANIDADES EM TEMPOS DE PÓS-VERDADE

  
PUCPRESS

© 2022, Rudolf von Sinner, Etiane Caloy Bovkalovski e Geovani  
Viola Moretto Mendes  
2022, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio  
sem autorização expressa por escrito da Editora.

**Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
(PUCPR)**

**Reitor**

Ir. Rogério Renato Mateucci

**Vice-Reitor**

Vidal Martins

**Pró-Reitora de Pesquisa,**

**Pós-Graduação e Inovação**

Paula Cristina Trevilatto

**PUCPRESS**

Coordenação: Michele Marcos de  
Oliveira

Edição: Susan Cristine Trevisani dos  
Reis

Edição de arte: Rafael Matta Carnasciali

Preparação de texto: Juliana Sant'Ana

Capa e projeto gráfico: Rafael da Matta

Hasselmann

Diagramação: Rafael da Matta

Hasselmann

**Conselho Editorial**

Alex Vicentim Villas Boas

Aléxei Volaco

Carlos Alberto Engelhorn

Cesar Candiotto

Cilene da Silva Gomes Ribeiro

Cloves Antonio de Amissis Amorim

Eduardo Damiano da Silva

Evelyn de Almeida Orlando

Fabiano Borba Vianna

Katya Kozicki

Kung Darh Chi

Léo Peruzzo Jr.

Luis Salvador Petrucci Gnoato

Marcia Carla Pereira Ribeiro

Rafael Rodrigues Guimarães Wollmann

Rodrigo Moraes da Silveira

Ruy Inácio Neiva de Carvalho

Suyanne Tolentino de Souza

Vilmar Rodrigues Moreira

**PUCPRESS / Editora Universitária**

**Champagnat**

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio

da Administração - 6º andar

Câmpus Curitiba - CEP 80215-901 -

Curitiba / PR

Tel. +55 (41) 3271-1701

pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/PUCPR  
Biblioteca Central  
Luci Eduarda Wielganczuk - CRB 9/1118

H918  
2023

As humanidades em tempos de pós-verdade / Rudolf von Sinner, Etiane Caloy  
Bovkalovski, Geovani Viola Moretto Mendes (Orgs.). - Curitiba : PUCPRESS,  
2023.  
232 p. ; 23 cm

Inclui bibliografias

ISBN: 978-65-5385-050-7

ISBN: 978-65-5385-051-4 (e-book)

1. Pós-verdade. 2. Veracidade e falsidade. 3. Fake news. 4. Redes sociais  
on-line. I. von Sinner, Rudolf. II. Bovkalovski, Etiane Caloy. III. Mendes, Geovani  
Viola Moretto.

23-241

CDD 20. ed. - 177.3

# SUMÁRIO

Prefácio .....	5
Waldemiro Gremski	
Apresentação .....	13
Ericson Falabretti	
Introdução .....	21
Rudolf von Sinner	
Etiane Caloy Bovkalovski	
Geovani Viola Moretto Mendes	
Educação em tempos de pós-verdade: entre notícias falsas e o reglus como dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura.....	29
Wallace Almeida	
Edméa Santos	
<i>Fake News</i> , redes sociais e pós-verdade: o fenômeno da desinformação contemporânea .....	59
Renan Colombo	
Cinco Ps venenosos e seus remédios: considerações teológicas para uma era digital.....	97
Antje Jackelén	
COVID-19, racismo e o “estado de exceção”? Uma confrontação da ética teológica com a identidade e os direitos humanos em uma era de coronavírus e além.....	123
Dion Forster	
Evangélicos nas mídias em tempos de desinformação e pós-verdade .....	153
Magali do Nascimento Cunha	
O conceito da verdade na disciplina histórica .....	177
Eduardo Teixeira de Carvalho Junior	
O negacionismo é um niilismo .....	199
Jelson R. de Oliveira	
Índice .....	219
Sobre os autores .....	221



# PREFÁCIO

Waldemiro Gremski<sup>1</sup>

É com muita satisfação que damos início ao Congresso Humanitas, agora na sua segunda edição, promovido pela Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Para a nossa universidade, foi uma honra sediar um encontro dessa envergadura, propondo-se a discutir um dos temas mais candentes da atualidade, com a presença de importantes participantes e entidades científicas do Brasil e do exterior.

Entre as muitas distinções que julgo importante ressaltar em relação a esse segundo Congresso Humanitas, duas saltam à vista.

Em primeiro lugar, cabe salientar o interesse da comunidade, tanto regional, nacional quanto internacional, pelo Humanitas. Foram mais de 2 mil pessoas inscritas que demonstraram interesse pelos minicursos, palestras, mesas-redondas e tantas outras oportunidades que esse Congresso ofereceu, isso sem citar os 281 trabalhos científicos apresentados. Além de docentes e discentes da PUCPR, foi

---

<sup>1</sup> Doutor em Histologia pela USP. Professor titular da PUCPR. Reitor da PUCPR de 2014 a 2021. Esta alocução proferida na abertura do II Congresso Humanitas, em 05 de outubro de 2020, foi levemente adaptada para a presente publicação.

extremamente gratificante o grande afluxo de professores e alunos de um grande número de cursos e programas do Brasil e do exterior.

O segundo aspecto a salientar tem a ver com o tema, foco das discussões do evento. Como constava no convite, o evento ocorreu numa época de “pós-verdade”. Este é certamente um dos temas mais desafiadores que estamos enfrentando tanto no nosso país como em todo o planeta.

O II Congresso Humanista tem como foco *“As humanidades em tempos de pós-verdade”*. Já no ano 2016, o tão conhecido Dicionário de Oxford escolheu “pós-verdade” como a palavra do ano e a definiu como “[...] circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos às emoções e à crença pessoal” (OXFORD UNIVERSITY PRESS, 2016, on-line). Embora desde a Antiguidade existe o uso de informações enganosas para diferentes fins, hoje sua abrangência é planetária. Em todo o mundo, a circulação de informações falsas vem se tornando uma das principais estratégias para influenciar opiniões e até eleições. Já foi demonstrado sobejamente como a informação pode ser usada como verdadeira arma em determinados contextos políticos.

Conforme recente manifestação do Papa Francisco,

“A sede de poder impulsiona a desinformação, que nunca é inofensiva”. Francisco destaca que a distorção da verdade pode ter efeitos perigosos: “O drama da desinformação é desacreditar o outro, apresentá-lo como inimigo, até chegar à demonização que favorece os conflitos”. (PAPA..., 2018, on-line).

E é preciso que nos convençamos de que a razão ou a culpa para isso não é necessariamente tecnológica. Como

mostra um estudo do MIT, de 2018, esse problema é humano, e não tecnológico. Sua conclusão é a de que boatos e informações falsas atingem tantas pessoas e se espalham tão rápido on-line, “porque os humanos, e não os robôs, são mais propensos a espalhá-las” (VOSOUGHI; ROY; ARAL, 2018, p. 1146, tradução nossa).<sup>2</sup> E para isso, colabora o baixo letramento informacional, ou seja, a falta de habilidade de ler criticamente a internet, o que torna essa camada da população especialmente vulnerável à desinformação. E o Brasil, claro, combina um alto grau de analfabetismo funcional com um uso elevado das redes.

Ressalte-se que, conforme estudo publicado pela Reuters Institute, em 2018, dois terços (66%) dos brasileiros que dispõem de internet usam as mídias sociais para receber notícias. Além disso, 56% das pessoas com idade entre 45 e 54 anos têm na TV sua principal fonte de notícias e 52% da população busca notícias no Facebook, isso sem mencionar o Youtube e o WhatsApp.

E certamente está claro para todos nós que, de um lado, estamos convivendo com um gravíssimo problema que pode nos causar danos irremediáveis e perenes, não apenas sob o ponto de vista individual, mas coletivo. Com as tecnologias disponíveis, o planeta como um todo é o foco das “fakes”. A distância deixou de ser empecilho para a sua divulgação, que afeta pessoas, sistemas e países do outro lado do globo.

E a educação é certamente a grande esperança para a solução dessa chaga que assola toda a humanidade. Certamente a solução não virá amanhã. Mas, é preciso que a educação básica e superior repense o seu processo formativo.

---

<sup>2</sup> No original: “because humans, not robots, are more likely to spread it.”

E no caso da educação superior, embora o foco principal esteja na área das humanidades, ele deve se fazer presente em todas as áreas de formação. Como alguém escreveu, se a desinformação pode estar em qualquer lugar, aprender a “interrogar a informação” não deve ser prerrogativa dos alunos de jornalismo, e sim uma habilidade transversal que impacta o próprio ato de aprender.

Ensinar os alunos a manter uma postura saudavelmente cética diante da informação deve ser prática habitual de qualquer professor da educação básica. E eu acrescentaria — de qualquer professor da educação superior. Infelizmente a maioria das instituições de ensino estão distantes de oferecer uma educação compatível com as necessidades deste século — e uma dessas necessidades é justamente saber administrar quantidades cada vez maiores de informação e separar o joio do trigo. Temos que mostrar que tais notícias são pura e simplesmente nada mais do que uma bela mentira com cara de notícia, uma verdadeira praga dos nossos tempos. Como escreveu Ana Maria Diniz (2018, on-line): “Essa constatação lança luz sobre o grande problema [...]: a enorme falta de conexão entre a Educação e a realidade que vivemos”.

É fundamental, por isso, começar a desenvolver nos estudantes o pensamento crítico, a capacidade de duvidar e de fazer as perguntas certas. Isso precisa urgentemente ser ensinado nas escolas. Porque, como escreveu Paulo Freire há várias décadas, na sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1987), “A educação funciona como um instrumento para facilitar a integração da geração mais jovem com a lógica do sistema atual, o que pode gerar conformidade ou se transformar na

## PREFÁCIO

prática da liberdade [...] fazendo-os descobrir como transformar o mundo.”

Esse livro, na minha opinião, pretende enfrentar um dos problemas mais sérios da humanidade. Todos esperamos propostas transformadoras, para que a educação abrace e cumpra o seu papel nesse enorme desafio.



## REFERÊNCIAS

DINIZ, Ana Maria. Educação em tempos de fake news. *Estadão*, São Paulo, 29 mar. 2018. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/blogs/ana-maria-diniz/educacao-em-tempos-de-fake-news/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

OXFORD UNIVERSITY PRESS. Word of the Year 2016. *Oxford Languages*, 2016. Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

PAPA diz que “fake news” espalham arrogância e ódio. *Deutsche Welle*, [s. l.], 24 jan. 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/papa-diz-que-fake-news-espalham-arrog%C3%A2ncia-e-%C3%B3dio/a-42296356>. Acesso em: 15 jul. 2022.

VALENTE, Jonas. Redes sociais perdem espaço como fonte de notícia, diz relatório global. *Agência Brasil*, Brasília, DF, 15 jun. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-06/redes-sociais-perdem-espaco-como-fonte-de-noticiadiz-relatorio-global>. Acesso em: 15 jul. 2022.

VOSOUGHI, Soroush; ROY, Deb; ARAL, Sinan. The spread of true and false news on-line. *Science*, Washington, v. 359, n. 6380, p. 1146-1151, 2018.



# APRESENTAÇÃO

Ericson Falabretti<sup>1</sup>

Estruturado em torno de uma discussão sobre a função, a relevância, os riscos e os desafios das humanidades em tempos de pós-verdade, o II Congresso Humanitas, realizado pela Escola de Educação Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), oferece à comunidade, com a publicação deste livro, um retrato das reflexões e debates que movimentaram o evento realizado em 2020. Estávamos entrando no auge da pandemia de covid-19, ocasião de uma crise sem precedentes na Educação, e vivendo os amargos e marcantes dissabores de uma tragédia mundial com milhões de vidas perdidas pela covid-19. Foi também durante esse momento triste que jamais deveríamos ousar esquecer de que, sem pudor e sem qualquer respeito aos mortos, sem empatia com a dor e o desamparo dos mais vulneráveis, assistimos, ouvimos, lemos, compartilhamos, rejeitamos e curtimos em todas as mídias e redes sociais os boatos e as *fake news*, tais como a alteração do DNA humano por meio de vacina, inserção de microchips, termômetros que

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos. Professor titular e Pró-Reitor de Desenvolvimento Educacional da PUCPR. Decano da Escola de Educação e Humanidades de 2018 a 2021.

causariam doenças cerebrais, risco à saúde pelo uso de máscaras, eficácia de medicamentos como cloroquina, caixões vazios em valas comuns etc., todos imediatamente desmentidos.

É bem verdade que a emergência de narrativas que negam até os nossos mortos não é um fenômeno do nosso tempo, como mostra Eduardo Teixeira de Carvalho Junior, em seu ensaio “O conceito da verdade na disciplina histórica”. Por outro lado, como também estabelecem todos os autores que integram este livro, inclusive Carvalho Júnior, vivemos na época da pós-verdade, um tempo único, no qual um jogo semântico de palavras e imagens desinforma, aliena, nega, confunde, adoce e mata, e contamina absolutamente tudo: o corpo, a consciência, o Estado, a Igreja, a escola, a sociedade e a própria natureza. Mas, nada ou quase nada é fruto do acaso ou de um acidente inevitável. As manifestações de pós-verdade, semelhantes a um vírus desenvolvido em um laboratório, são preparadas por pessoas e associações diversas para contaminar contínua e meticulosamente, como bem analisou Jelson Oliveira ao retomar os estudos de Pascal Diethelm e Martin McKee, conforme podemos ler em seu ensaio “O negacionismo é um niilismo”. Na prática sistematizada da pós-verdade, acompanhando livremente as reflexões no ensaio de Oliveira, reencontramos a face mais atual do niilismo ativo que condena a natureza, a ciência e a vida comum a uma existência vazia, sem valor e sem compromisso com o presente, o passado e o futuro.

Assim, como está presente em praticamente todas as análises que compõem esta obra, a desconstrução da validade do discurso científico e a própria subversão dos fatos empiricamente constatados são sempre colocadas em curso por uma avalanche de *fake news*, tudo realizado de modo

procedimental, reproduzindo métodos e estratégias acordadas por pessoas e grupos articulados em redes sociais, muitas vezes transnacionais. Nessa perspectiva, Renan Colombo, em “*Fake news*, redes sociais e pós-verdade: o fenômeno da desinformação contemporânea”, mostra que a singularidade da criação de boatos na contemporaneidade está sustentada em três características: primeiro, inventam-se fatos e se distorcem informações deliberadamente, em uma espécie, pode-se dizer, de em um querer consciente; em segundo lugar, apoiado nas análises de Burkhardt, Colombo ressalta que as pessoas sempre criaram notícias falsas, mas hoje em dia, sustentadas no ecossistema digital, elas o fazem em velocidade e escala global; a terceira peculiaridade envolve o fato de que as *fake news* são quase sempre empáticas, estão voltadas à “economia da emoção”.

Se criamos *fake news* conscientemente para tocar os sentimentos do outro, para persuadir sem gerar compreensão e sempre visando maximizar os danos potenciais em escala global, fazemo-lo sustentados por uma espécie de superestrutura de poder e dominação, conforme o ensaio de Antje Jackelén: “Cinco Ps venenosos e seus remédios — considerações teológicas para uma era digital”. Na semântica teológica de Jackelén, vivemos em um mundo embriagado por um coquetel composto por doses intoxicantes de polarização, populismo, protecionismo, pós-verdade e patriarcado que visam manter as desigualdades e conservar os privilégios de poder e dominação na vida doméstica, na sociedade e no Estado. Diante desse mundo que alimenta a desesperança — pois como bêbados em estado crítico, sempre temos mais dificuldade em encontrar saídas e nos reconectar com a verdade —, precisamos reestruturar a nossa vida social em torno

de valores comunitários que estão no cerne do cristianismo como coerência, compreensão, a comum-riqueza, tangibilidade, tolerância, confiança.

Entretanto, enquanto não nos reconhecemos como parte de uma comunidade fundada na confiança e na verdade, é fundamental, como discute Dion Forster em seu ensaio “Covid-19, racismo e o estado de exceção? Uma confrontação da ética teológica com a identidade e os direitos humanos em uma era de coronavírus e além”, prestar atenção à teologia política emergente de certas formas do cristianismo evangélico americano e africano que parecem movimentar todas as formas de biolítica e políticas identitárias com o negacionismo, o racismo, a exclusão e a falsificação da ciência. Além da evidente ameaça à validade dos direitos humanos, Dion Forster apresenta o aprofundamento do fenômeno da alterização — estranhamento desumanizante do outro — como estratégia de uma teologia política nacionalista. Entretanto, para combater esse discurso de exceção que inviabiliza a humanidade do outro e a própria verdade, precisamos, entre outras ações, vivenciar uma teologia pública crítica que seja capaz de discutir com todo o amplo espectro de narrativas teológicas.

Dando sequência ao debate teológico-político, Magali do Nascimento Cunha, no ensaio “Evangélicos nas mídias em tempos de desinformação e pós-verdade”, analisa como as práticas de pós-verdade — nesta altura do livro, já podemos identificá-las quase que em sua maioria — têm lugar e abrigo nas igrejas midiaticizadas, aquelas que localizam nas mídias a sua finalidade e o seu propósito. Nascimento Cunha identifica quatro elementos que mostram a adesão profunda e total do projeto pastoral das igrejas à mídia: para pregar

o evangelho, para fazer pastoral, deve-se estar na mídia; o reconhecimento da autoridade do discurso religioso está condicionado a um certo grau de identificação como personalidades midiáticas (ex.: o padre e o pastor *influencer*, blogueiros e/ou *youtubers*); a livre e ampla interpretação do discurso, dos ritos e doutrinas religiosas; como consequência, temos o aumento dos fiéis não vinculados institucionalmente, os chamados “sem-igreja”, pessoas que criam vínculos religiosos, sobretudo no espaço das redes sociais. Essa “Reforma Digital”, conforme a teóloga americana Elisabeth Drescher, permite às pessoas uma apropriação do aparato discursivo religioso para desinformar e propagar *fake news*, que alimentam o negacionismo e os conflitos, e, por conseguinte, colocam em risco as democracias e a vida comum.

Todavia, no ensaio “Educação em tempos de pós-verdade: entre notícias falsas e o Reglus como dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura”, de Wallace Almeida e Edméa Santos, somos chamados a repensar e reagir no âmbito da educação contra essa indústria de *fake news*. Para Almeida, não podemos ignorar a responsabilidade do professor em ser fluente nas linguagens digitais, em ser capaz de dominar as ferramentas tecnológicas para articular aprendizagens que respondam e superem todas as estratégias de manipulação.

As mentiras que ouvimos, discutimos, curtimos e compartilhamos são sustentadas pelo nosso sistema de poder e riqueza, que pertence a poucos. Desse modo, o problema das humanidades em um mundo contaminado pela pós-verdade não é uma questão de verossimilhança, de erro ou de falta de clareza e distinção, mas está no uso prático e político da palavra e, por consequência, nas inevitáveis consequências deletérias para todas as formas de vida.

Assim, se a pós-verdade, em suas diferentes manifestações, enquanto um mecanismo de poder colocado deliberadamente em curso por uma pequena elite, é aquiessida de maneira alienada por milhares de pessoas, é preciso reforçar a responsabilidade e o compromisso da universidade, da filosofia, das ciências sociais, da história, da pedagogia, do serviço social, dos cursos de letras, da teologia e de todas as licenciaturas com a nova forma de esclarecimento que o momento impõe. Em tempos de pós-verdade, a reação exige muito mais do que romper com o medo e a preguiça como outrora proclamou Kant; é preciso exercitar a razão, desenvolver os instrumentos críticos do pensamento e dominar intelectualmente as novas linguagens e ferramentas tecnológicas. Com exceção das certezas matemáticas, a verdade não é uma unidade absoluta — o dogma da pós-verdade —, mas é formada e reformada continuamente pela diversidade de saberes e discursos que devem ser repensados epistêmico e axiologicamente por toda a sociedade, sobretudo nos bancos escolares e universitários. Precisamos, urgentemente, reposicionar o lugar das humanidades na economia dos sistemas de ensino, precisamos de mais ciências humanas, letras, artes nos currículos escolares e universitários. O enfrentamento da crise de verdade passa pela presença visível das humanidades.

Desse modo, para sairmos das sombras de um mundo da pós-verdade, para escaparmos à torpeza vil do negacionismo, temos de somar à discussão aberta de uma razão pública, à lucidez da consciência histórica e à vontade de viver em e pela comunidade uma educação libertadora comprometida com a vida, a verdade e a justiça.

## APRESENTAÇÃO

Parabéns à professora e aos professores organizadores desta obra, Etiane Caloy Bovkalovski, Geovani Viola Moretto Mendes e Rudolf von Sinner, e aos autores e às autoras já mencionados.



# INTRODUÇÃO

Rudolf von Sinner<sup>1</sup>

Etiane Caloy Bovkalovski<sup>2</sup>

Geovani Viola Moretto Mendes<sup>3</sup>

Estamos, como dizem alguns, numa época de “pós-verdade”. No ano de 2016, o *Oxford Dictionary* escolheu “pós-verdade” como palavra do ano e a definiu como “circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos às emoções e à crença pessoal” (OXFORD UNIVERSITY PRESS, 2016, on-line). Entre outros eventos, as eleições nos Estados Unidos, no Brasil e alhures, bem como as notícias referentes à pandemia da covid-19, acentuaram essa percepção. De fato, a veiculação intencional de informações falsas — as “*fake news*”, termo este cunhado por um dos seus propagadores, o então presidente estadunidense, Donald Trump — desafia a participação social, política e educativa bem-informada, pressuposto imprescindível de

---

<sup>1</sup> Doutor e livre-docente em Teologia. Professor de Teologia Sistemática e atual coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia na PUCPR. Professor extraordinário na Universidade de Stellenbosch, África do Sul. Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq.

<sup>2</sup> Doutora em História na área de Sentimentos na Política e coordenadora dos cursos de licenciatura e de bacharelado em História na PUCPR.

<sup>3</sup> Doutor em Filosofia e coordenador dos cursos de licenciatura e de bacharelado em Filosofia e em Ciências Sociais na PUCPR.

uma democracia efetiva. Segundo um estudo realizado por cientistas australianos com base em publicações on-line entre 31 de dezembro de 2019 e 30 de novembro de 2020, de um total de 52 países, o Brasil aparece como terceiro que mais teve impacto de notícias falsas veiculadas sobre vacinas e covid-19, atrás apenas dos Estados Unidos e da Índia.

Já em 1951, em seu livro *Origens do totalitarismo*, Hannah Arendt (2013, p. 598) alertou para o fato de que “[...] o súdito ideal do governo totalitário não é o nazista convicto nem o comunista convicto, mas aquele para quem já não existe a diferença entre o fato e a ficção (isto é, a realidade da experiência) e a diferença entre o verdadeiro e o falso (isto é, os critérios do pensamento).” Em tempos de guerra, como a infligida pela Rússia à Ucrânia desde 24 de fevereiro de 2022, tragicamente ainda sem nenhuma perspectiva de fim, é realidade cotidiana a veiculação consciente de notícias falsas ou semifalsas e parciais, numa propaganda direcionada, como também a omissão ou o bloqueio de notícias verdadeiras. O que difere hoje em relação a tempos anteriores é que a veiculação dessas notícias acontece em velocidade e amplitude nunca antes vistas, por meio das redes sociais. A mídia tradicional, como a imprensa ou até o tradicionalíssimo Jornal Nacional da Rede Globo, já não é fonte de informação para muitas pessoas, que resolvem acessar e acreditar, antes, naquilo que circula no Twitter, no Facebook, em grupos do WhatsApp ou em outras redes semelhantes. Como vimos nos últimos anos, isso pode decidir eleições, criar (em vez de refletir) fatos e expor pessoas à destruição de sua imagem, como aconteceu em meio à Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2021, justamente dedicada ao tema “Fraternidade e diálogo: compromisso e amor”, quando

notícias falsas deturparam e agrediram a imagem das pessoas que organizaram e lideraram a campanha, chegando a ondas de indignação (*shitstorms*) e até resultando em ameaças de morte. Tais notícias foram veiculadas inclusive por clérigos, cujo compromisso com a verdade deveria, em tese, ser especialmente forte. A informação virou desinformação com interesses específicos mediante mentiras ou meias-verdades, que em vez de incitar a reflexão madura e autônoma, faz surgir o ódio e a violência. Políticos de alto porte no Brasil e alhures mentem diante de grandes plateias sem o mínimo pudor. O Papa Francisco (apud KAKUTANI, 2018, p. 13), no dia Mundial de Comunicação de 2018, lembrou que “não existe desinformação inofensiva; acreditar na falsidade pode ter consequências calamitosas.”

Como ressalta Christian Dunker, na antiguidade o conceito de verdade incorporou a revelação de uma lembrança esquecida para os gregos (*alétheia*), a precisão do testemunho para os latinos (*veritas*) e a confiança na promessa divina na tradição judaico-cristã (*emunah*, em hebraico — acrescentamos *pistis* e *fides/fiducia*: fé-confiança). A esses elementos, prossegue Dunker (2017, p. 18), opõem-se a ilusão, a falsidade e a mentira. Além disso, no entanto, importa lembrar que a ciência e a razão em tempos de pós-modernidade são relativas, discutem diferentes opiniões e divergentes versões da verdade. A pós-verdade não aguenta tal ambiguidade e controvérsia, preferindo criar uma “verdade” absoluta, ainda que distorcendo fatos em princípio verificáveis. Assim, diz Dunker (2017, p. 38), a pós-verdade “[...] envolve uma combinação calculada de observações corretas, interpretações plausíveis e fontes confiáveis em uma mistura que é, no conjunto, absolutamente falsa e interesseira.” O poeta





A circulação de informações falsas vem se tornando uma das principais estratégias para influenciar opiniões e até eleições. Se a desinformação pode estar em qualquer lugar, aprender a “interrogar a informação” não deve ser prerrogativa dos alunos de jornalismo, e sim uma habilidade transversal que impacta o próprio ato de aprender. Ensinar os(as) alunos(as) a manter uma postura saudavelmente cética diante da informação deve ser prática habitual de qualquer professor(a). Este livro pretende enfrentar um dos problemas mais sérios da humanidade. Todos esperamos propostas transformadoras para que a educação abraça e cumpra o seu papel nesse enorme desafio.

Waldemiro Gremski

Reitor da PUCPR (2014-21), no *Prefácio*

A obra conta com textos de Wallace Almeida, Edméa Santos, Renan Colombo, Antje Jackelén, Dion Forster, Magali do Nascimento Cunha, Eduardo Teixeira de Carvalho Jr. e Jelson R. de Oliveira, além de apresentação de Ericson Falabretti.